

## INFÂNCIA, *MEMÓRIA* E LIBERDADE EM SARTRE: REVISITANDO A *SALA ESCURA*<sup>1</sup>

**Luciano Donizetti da Silva<sup>2,3</sup>**

donizetti.silva@ufjf.br

**Resumo:** Sartre explora o papel da memória e da consciência em sua filosofia existencial, argumentando que a consciência é sempre intencional e corporificada, sendo marcada por escolhas e pela impossibilidade de coincidir consigo mesma. A memória, nesse contexto, é vista como a matéria que conecta o ser ao passado, influenciando escolhas presentes sem se reduzir ao inconsciente; trata-se de um fenômeno complexo que abrange dimensões individuais, coletivas e históricas e, para Sartre, é inseparável da corporeidade e do projeto existencial.

**Palavras-chave:** Sartre, Liberdade, Memória.

---

<sup>1</sup> Recebido: 21-08-2025/ Aceito: 09-10-2025/ Publicado on-line: 30-12-2025.

<sup>2</sup> É professor na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil.

<sup>3</sup> ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0584-7377>.

## Epígrafe

afinal, esse feto era eu, representa o limite de fato de minha memória, mas não o limite de direito de meu passado (Sartre, 2011, p. 195).

A filosofia da liberdade tem como pedra de toque a *intencionalidade* da consciência: Sartre parte de uma instância *reflexiva* (autoevidente) para demonstrar suas teses fenomenológico-existenciais, em especial a *impossibilidade de coincidência consigo*, que define todo homem e mulher *em seu ser*, por oposição ao Ser-Em-Si de todos os *istos intramundanos*, que são pura identidade – primeira lição de *O Ser e o Nada*. Mas é curioso notar que, embora a consciência seja o *modo de Ser-Para-Si*, onticamente ela está sujeita a processos *anteriores* e *aleatórios* (além de *alheios*) para ser-o-que-é; noutras palavras, *somos nascidos*: cada existência inicia-se a partir de um *brotaamento involuntário de ser* (bebê) que, em razão de sua situação (classe, etnia, tempo etc., facticidade) e da normatividade vigente, será *coagido a escolher-se*, e serão essas escolhas o *solo tanto* da *Escolha Original* (que matizará todas as escolhas *presentes e futuras*) como do advento da *Idade da Razão* (acontecimento absoluto) – que marcaria o também *misterioso processo* de passagem do âmbito pré-reflexivo para a certeza da *consciência-(de)-si* que, por fim, demarcaria os limites entre infância e vida adulta. Isso, por si só, gera uma série de questões pontuais; pretendendo ater-me a uma: a *memória*; pois é sob esse signo que Sartre reúne todas as tramas psíquicas que brotam (e *somente poderiam brotar*) da consciência-corpórea, porém ainda *não reflexiva*; afinal, a reflexão é pressuposta para que

se fale em *consciência cúmplice* (de má-fé) ou consciência *autêntica*, algo que evidentemente não se aplica à infância.

Há consciência antes do Cogito. Divergindo de Heidegger, Sartre afirma que *mostrar primeiro o escapar a si do Dasein* gera dificuldades insuperáveis, pois “não se pode suprimir primeiro a dimensão ‘consciência’, nem que seja para restabelecê-la em seguida. A compreensão perde sentido se não for consciência de compreensão” (Sartre, 2011, p. 195); distanciando-se de Husserl, Sartre também deprecia a busca *transcendental* pelo *a-priori da correlação* via *Epoché Fenomenológica*, visto encontrá-la já esboçada (e devotada ao *concreto*) em Heidegger: “O fenômeno não indica, como se apontasse por trás de seu ombro, um ser verdadeiro que fosse, ele sim, o absoluto” (Sartre, 2011, p. 16), donde aquilo que o fenômeno indica seja *aquilo que é fenomenologicamente*; ora, não é nem Dasein nem Sujeito Transcendental o que a fenomenologia mundano-concreta revela, mas homem-e-mulher-no-mundo em meio a *istos (entes)*, homens e mulheres *nascidos* – o que leva ao cerne da questão aqui levantada: a manutenção da consciência *intencional* desde o plano ôntico faz com que Sartre tenha que se haver com o processo de *constituição* dessa mesma consciência. E isso, fatalmente remete ao *antes*, à Memória, ou Lembraça ou, mesmo, Recordação, fenômenos de clara relação com o *passado* de onde a consciência brota<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Na obra de Sartre a memória existe em íntima correlação com a noção de imagem, conforme atesta *O Imaginário* e *A transcendência do Ego* (Sartre, 1996 e 1994 respectivamente); essa temática foi explorada em 2021 no vol. 25 de *Études sartriennes* (Autour du mémoire sur l'image, 1927). Dentro os trabalhos ali publicados cumpre colocar em relevo *From L'Imagination to L'Image dans la vie psychologique – the inconsistency of memory*, escrito por Vincent de Coorebyter: um trabalho primoroso que, de certo modo, dialoga com a proposta desse artigo. Cumpre notar que esse capítulo da *Études*, sobretudo em relação ao caráter da *vida psíquica* (experiência “vivida”), é base e pressuposto para a

Ainda, jogando no mesmo campo que Merleau-Ponty, mas em lado oposto, Sartre recusa-se a admitir que a *mera percepção* pudesse, desacompanhada de alguma *consciência*, revelar seu sentido e promover alguma compreensão; *reaprender a ver o mundo* equivale, para Merleau-Ponty, a admitir um *sentido autóctone do mesmo mundo*, mas sentido para *quem?* Sartre é categórico: “cada uma das condutas humanas, sendo conduta do homem no mundo, pode nos revelar ao mesmo tempo o homem, o mundo e a relação que os une, desde que as encaremos como realidades apreensíveis objetivamente” (Sartre, 2011, p. 44); e o que há de mais objetivo para homens e mulheres que *ser-nascido?* Mas para Sartre o que nasce, efetivamente, é uma *consciência-corpóreo-motora*, e não uma *consciência em potência* que, um dia e por acaso, será *ato*: ontologicamente, todos são Ser-Para-si, condição *sine qua non* de Ser-no-Mundo, homem ou mulher; e é nesse contexto que se pode falar em Má-Fé, esse *risco* oriundo do fato de que “a consciência, ao mesmo tempo e em seu ser, é o que não é e não é o que é”, pois consciência “não é a totalidade do ser humano, mas o núcleo instantâneo deste ser” (Sartre, 2011, p. 118). A memória é, evidentemente, um dos *invólucros* desse núcleo que cumpre investigar; a consciência *pré-reflexiva* também, e essa *possibilidade* está pressuposta na medida em que sou, *eu mesmo* (corporeidade), *meu invólucro* e, pelo mesmo ato, permaneço *núcleo*, pois “Consciência de si não é dualidade. Se quisermos evitar regressão ao infinito, tem de ser

---

tese aqui aventada, qual seja, que os aspectos não sabidos da memória estão “encravados” na própria corporeidade, seja como *Ethos (habitus)*, seja como *marcas efetivas* (rugas, cicatrizes etc.). Ver Coorebyter & Corman (2021, p. 121-146).

relação imediata e não cognitiva de si a” (Sartre, 2011, p. 24). Em termos ontológicos, tem-se a impossibilidade de *identidade consigo* (Para-Si), vivida e tornada memória desde o início no plano ôntico; e isso leva, sem rodeios, à Psicanálise<sup>5</sup>.

Colocar a consciência reflexiva no princípio tem por pressuposto *poder deixá-la*, e alcançar não apenas a *transcendência dos istos* (negação do Em-Si), mas também a *si-mesma*, com consciência não refletida – seja no plano da vida adulta *não refletida*, seja quando se trata de *toda* a infância; e, isso não se pode esquecer, “Sou meu passado, e, se não o fosse, meu passado não existiria nem para mim nem para ninguém” (Sartre, 2011, p. 168), mas, do mesmo modo, “não sou meu passado. Não o sou, já que eu o era” (Sartre, 2011, p. 169): *sou o que fui ao modo de não mais o ser*, um dos *ek-stases* de ser-consciência. Então, se é assim, por que não assumir logo alguma das

---

<sup>5</sup> É curioso que, para além da psicanálise existencial (que remete diretamente à infância), a questão da memória foi investigada sob dois outros vieses em língua inglesa: de um lado do Atlântico tem-se a investigação da “memória histórica”, por assim dizer, e do outro lado, um belíssimo trabalho que rastreia a memória nos primeiros escritos de Sartre. No caso da História, Jonathan (com apoio na tese de Michael Rothber, e em consonância com declarações de Derrida), em *Sartre, multidirectional memory, and the holocaust in the age of decolonization* leva a questão da memória para o plano de sua *multidirecionalidade*, donde “São esses desvios da memória – sinais e assinaturas de um momento outrora enterrado que se ramificam politicamente de novo em diferentes contextos – que são enrolados no complexo circuito do que Michael Rothberg chamou de ‘memória multidirecional’” (Judanken, 2011) – memória, portanto, que se joga entre o racismo e o império, a alteridade e a história, a temporalidade e o trauma, a identidade individual e coletiva – entre singularidade e generalização, enfim. No caso dos primeiros escritos de Sartre, Lyor D., em *Memory in the Early Philosophy of Jean-Paul Sartre*, explora de forma pormenorizada a aparente contradição entre as noções de memória dos textos que antecedem *O Ser e o Nada* (TE, sobretudo) e a própria ontologia sendo, no primeiro caso a memória a mera repetição do passado enquanto, na passagem a EN, a memória já aparece como “criatividade”, no sentido de que a liberdade atua sobre a constituição e manutenção de memórias, ou seja, “Contra os modelos miméticos e reconstrutivos da memória, coloco a noção de ‘memória existencial’, que não é um termo que o próprio Sartre usou, mas que emerge de seu trabalho sobre a temporalidade humana” (Levy, 2011). A questão aqui proposta, embora tenha diretamente que ver com esses trabalhos, preserva sua originalidade calcada no fato de que o alvo será a memória ligada à corporeidade que, ainda que atue no plano da história, nasce muito antes disso – ligada diretamente à *travessia da sala escura* (infância).

noções disponíveis sobre esse *ser-passado*? Pois, antes e durante a reflexão tem-se o *Inconsciente*, dirá Freud, incauto a respeito das *sutilizadas da ontologia*: como poderia haver contato entre dois *contrários* (consciência e inconsciente), e em que isso se diferencia das explicações de *pontos de contato* entre substâncias distintas, como *alma e corpo*? Urge levar a consciência não refletida até a gênese da existência, de modo que ela – sem tropeços – possa *voltar-se para si mesma* de modo não tético (a consciência *não se objetifica* para si) no ato da reflexão (Idade da Razão); mas, se não se trata de inconsciente nem de subconsciente, o que seria esse *eu fui* que *não sou mais*, mesmo *ainda o sendo*? Memória, parece ser a resposta mais plausível, pois esse processo comporta a lembrança e recordação, além da própria corporeidade em suas *demandas* (escolhas de ser); cabe, então, considerar a *objetividade* da condição existencial (*ser-nascido*)<sup>6</sup>.

Na letra da ontologia pode-se tratar em separado as estruturas originárias de Ser ali desveladas, mas Sartre mesmo afirma que esse é um recurso didático: tudo o que foi dito da consciência infantil remete *diretamente* ao Outro; e não apenas a consciência antes da Idade da Razão, mas também

---

<sup>6</sup> A temática da memória em Sartre no Brasil foi inquirida em 2017 pela dupla Marcelo e Malcom, visando ali mostrar o caráter incidental da constituição do passado a partir de elementos presentes; noutros termos, a pesquisa visa um trabalho conceitual, a partir das noções de consciência reflexiva e irrefletida (téctica e não téctica) visando justamente compreender as bases da constituição da noção de memória. A conclusão, bem acertada, aponta o fato de que “a consciência pode recordar uma situação passada durante um momento em que era consciência irrefletida ao ser posicionada na consciência reflexiva como objeto, contudo, a recordação realizou-se sem que Sartre precisasse recorrer ao conceito substancialista de memória” (Barros & Rodrigues, 2017, p. 99): certo, memória não é ‘gaveta’. Mas qual a relação dessa constituição da memória com a corporeidade? Tudo se passa como se a aventura individual começasse com a Idade da Razão; então, como lidar com memórias da infância onde, declaradamente, a consciência ‘ainda’ não é téctica de si mesma (acontecimento absoluto)?

quando – já na *vida adulta* – ela permanece pré-reflexiva (ou, declaradamente, de má-fé). Noutros termos, será sempre *pelo outro* que o um poderá *habitar o mundo*; afinal, “É por uma série de operações psicológicas e de sínteses de identificação e reconhecimento que a criança chegará a estabelecer tabelas de referências entre o corpo-existido e o corpo-visto” (Sartre, 2011, p. 449). Cada Ser-Para-Si é, primeiro, consciência-corpórea ante outrem desde seu início até que, *por si mesmo, reflete* (Idade da Razão), passando ao plano de ser consciência (*de*) consciência-corpórea; o conflito, sentido originário de Ser-Para-Outro requer, desde sempre, consciência; e isso leva ao último tópico dessa sessão: qual a matéria da memória senão a corporeidade? Afinal, “Sem dúvida, há uma matéria ‘pura’ da memória, [...] mas quando ela se manifesta, é sempre no e por um projeto que comporta a aparição desta matéria em sua pureza” (Sartre, 2011, p. 612). Então, isso não alteraria o status do *passado* que, também na ontologia, foi anteriormente definido como *em-si* (imutável)? Afinal, “quando retorno à minha consciência de ontem, esta mantém sua significação intencional e seu sentido de subjetividade, mas, como vimos, está coagulada, acha-se lá fora, tal como uma coisa, já que o passado é Em-si” (Sartre, 2011, p. 555). Para entender a questão cumpre averiguar duas apreensões bem diferentes do *ser-passado* para o filósofo: o fato em bruto (Em-Si que *fui*) e a *memória* (também no sentido de *recordação*, Para-Si) que, ao que tudo indica, reflete justamente a *travessia da sala escura da infância*<sup>7</sup>. Ainda, se o passado está aí, *insistente, urgente,*

---

<sup>7</sup> Conforme o exemplo da coqueluche: “Há no passado um elemento imutável: tive coqueluche aos cinco anos de idade; e há um elemento variável por excelência: a significação do fato em bruto com

*imperioso*, como pode ser que *eu* escolha seu *sentido*? Enfim, depreende daí que *a memória* pode deformar a *concretude* do fato passado, na medida em que o Em-Si passado será sempre tributário de *sentidos atuais* escolhidos presentemente em vista do *fim* almejado em *meu projeto* atual? Afinal, nesse contexto, o que é *a memória* para Sartre?

\*\*\*

Em *O Ser e o Nada* Sartre utiliza as noções de lembrança, recordação e memória para explorar tanto a *fenomenologia* quanto a ontologia do *Ser-Passado*; e isso remete, ao mesmo tempo, ao plante ôntico e ao ontológico. Não se pode dizer, de chofre, que o uso seja indiscriminado; mesmo assim, também não se pode dizer que haja definição precisa de cada um desses conceitos. Então, considerando uma definição geral (e formal), tem-se que lembrança se refere à *capacidade efetiva* de *armazenar* um evento ou informação (prenhe de afetações); memória, por sua vez, seria um *processo natural do corpo humano* de reter informações (e fatos); e recordação, por sua vez, parece ser usada como sinônimo de memória na sua porção *ativa* (relembrar). Em teoria, a memória teria *atribuições neurológicas* mais complexas, enquanto a lembrança estaria ligada a aspectos afetivos; ora, note-se a dificuldade inicial, pois de

---

relação à totalidade de meu ser. Porém, por outro lado, uma vez que a significação do fato passado penetra nesse passado de ponta a ponta [...], é impossível para mim, em última instância, distinguir a imutável existência em bruto do sentido variável que ela comporta” (Sartre, 2011, p. 612). Ainda sobre isso, é importante conhecer um trabalho da área da ciência médica, *Être-au-monde et habiter son corps : ce que la corporéité nous apprend des troubles psychiques* – essa leitura permite atualizar a indagação filosófica em conformidade com a ciência. Ver Roux (2023).

qualquer perspectiva que se olhe, a memória ainda permite, fenomenologicamente, *reproduzir eventos passados*, sendo a *memorização* o fato que produziria o elemento da recordação, ou a *matéria* da lembrança, processo equivalente a *trazer de volta ao coração* (recordar) algo passado<sup>8</sup>. Armazenar, deter e reproduzir narrativa ou imageticamente o passado seriam a gênese da memória; mas como essas noções se ajustam com a *intencionalidade da consciência*, esse puro movimento de si a si (passando negativamente pelo Em-Si em presença de Outrem) que, conforme afirma Sartre, é o *núcleo ontológico do nosso Ser* (Para-Si), é transparente para si mesmo, além de auto evidente (porque reflexivo)?

Reformulando a questão anterior em termos *práticos*, trata-se primeiro de perguntar a Sartre sobre o *lugar* da memória, considerando que – ainda que seja de modo tético (tendo-se a si mesma por objeto) – não há Ego, ou Eu (sobre tudo transcendental), ou Id ou seja o que for, mas *puro movimento intencional* que, ontologicamente, revela-se *negação* do objeto visado (tal como a descrição do próprio movimento de reflexão consciente, Sartre, 1994); ou seja, o fenômeno *memória* indica que *algo do passado* é trazido ao presente, certo, mas *o que é trazido, e de onde?* E o problema não se encerra aí. Ainda sobre Memória, é preciso considerá-la em três

---

<sup>8</sup> Em francês tem-se os verbos *rappeler*, mais adequado a *recordar*; se *souvenir*, equivalente a *lembra-se*, e *memoire* (onde *mémoriser*), todos utilizado em *O Ser e o Nada*; e, assim como no português, memória (memorial, túmulo), lembrança (*souvenirs*) e recordação (canção, poesia, música) são termos que também se referem a seus equivalentes objetais que, *por seu ser*, remetem ao passado. E isso pode ser pensado em duas modalidades: objetos *passados*, como aqueles do antiquário e talvez museus (escrava de madeira, máquina de escrever); objetos *presente-passados* que, na sua estrutura presente remete ao passado, como uma *cruz de plástico* como objeto de culto – ambas modalidades de *analogon* desses *vividos*.

aspectos: individual (*minhas memórias*), grupal (memória do *meu grupo*) e universal (*História geral*) e, claro, todas suas *intersecções*; e isso, ainda sem falar do *objeto* (ou lugar) de memória (objetos de tortura do período escravocrata da História do Brasil, ou o *Cais do Valongo*, no Rio de Janeiro), e as razões também históricas de sua preservação ou esquecimento. Afinal, o dito popular *recordar é viver* tem, na psicanálise, seu aporte científico: a *memória* não é somente algo que dependa da efetiva *ação* de algum sujeito, mas é notório que existem aspectos do passado que *inundam* escolhas presentes; seriam esses indicação de algum *inconsciente*? Ou trata-se da ambiguidade de vividos *conscientes*, porém *não sabidos*?

Recordar também é lembrar, ambas maneiras de – coloquialmente – referir-se à relação da consciência com *algo que estaria guardado na memória* (advindo de alguma *experiência vivida*, ou aprendizado), ou no *lembrete* colado na geladeira, ou nos inesquecíveis *cadernos de lembrança* ou na *cruz na beira do caminho* etc.; mas não o seriam também as cicatrizes, as *rugas* e todas as demais marcas reconhecíveis em *nossa corporeidade*?<sup>9</sup> Ou mesmo em nossa *bagagem pessoal* (roupas e objetos reunidos e *levados consigo* ao longo da vida)? De fato, até parece que esse texto será sobre a *Epistemologia da Recordação*;

---

<sup>9</sup> Essa problemática se liga diretamente a uma obra importante, publicada em 2017, sob título *Ontologies du corps*; dessa, escrita por Jean-Marie, sublinho dois capítulos: *De la pluralité des corps animés* (p. 305-379) e *Méta-psychologie de la corporeité* (p. 381-450), que versam sobre a mudança de paradigma em relação à antiga noção de “corpo” e a contemporânea compreensão de “corporeidade”; cito: “Apesar das objeções teóricas formuladas por Jean-Paul Sartre, Maurice Merleau-Ponty, Paul Ricoeur e Michel Henry, em nome da fenomenologia do corpo ou da carne, a psicanálise tem resistido à ‘redução’ filosófica de seus supostos reducionismos – objetivismo, realismo, biologismo, pansexualismo. Em particular, sobreviveu à crítica das filosofias do sujeito e da consciência e às objeções da fenomenologia transcendental de Husserl” (Brohm, 2017).

sim, de certo modo (ver Gauer & Barbosa, 2008). Isso porque, na filosofia da liberdade de Sartre, não parece lícito separar epistemologia e ontologia: é via método fenomenológico que Sartre *descreve* estruturas de Ser, o que por si só justifica perguntar sobre *como as pessoas se lembram de eventos passados*; mas isso soa melhor, no caso de Sartre, como Psicanálise existencial: essa, ainda que não se resuma a isso, estuda justamente a *recordação* como *reconstrução do passado*. Reconstrução *sui generis*, pois Sartre deverá se haver com a origem da informação *na qual* essa reconstrução do passado se funda (qual é a *matéria* e o *lugar* da memória?), além de explicar a origem dos *parâmetros* para que a *narrativa a respeito do passado* seja, presentemente, *coerente* – mesmo que (ou, apesar de) *afetada* pelo contexto do fato ou, também, por emoções *vividas*<sup>10</sup>. Afinal, será sempre *em sociedade* que a consciência será *reflexão*, depois da aquisição, por assim dizer, de toda a *normatividade vigente*; nesse sentido não há, nem poderia haver, *consciência pura*, caso isso signifique *separada de seu passado* (carnalidade da consciência). Ela é, em sua amplitude geral de ser, *afetada* pela memória.

\*\*\*

---

<sup>10</sup> Um trabalho interessante, que aborda a temática da memória em Sartre como constituição da temporalidade, foi publicado em 2020; nesse artigo Simeão aborda a constituição da memória sartriana em contraponto com Canguilhem (e Edwin L. Hersch). O momento decisivo desse trabalho é, sem dúvida, a investigação sobre o normal e o patológico no que tange à memória, donde “A memória não reside, não permanece na consciência como uma foto guardada em uma gaveta. Tampouco é um lugar que serve como arquivo para experiências passadas. A memória surge, por outro lado, conectada ao ser para-si, dado que somente esse ser é temporal” (Sass, 2020, p. 81-82); certo. E como essa memória se relaciona com a corporeidade? Ou, o “envelhecer” não permanece no próprio “corpo”, como sua verdade irrefutável (e *analogon*) de vividos (passado)?

Anunciados os termos da questão a ser analisada, vejamos como ela se aplica num exemplo bastante conhecido da ontologia de Sartre: o *jogador* que, por alguma razão (falência, problemas com a família etc.), *fez a promessa* de não mais jogar; e eis que, agora, ele se encontra *ante o tapete verde* (mesa de jogo): essa será uma experiência que vai revelar a liberdade *absoluta* situada desse homem como *ruptura permanente do determinismo, o nada que o separa de si mesmo*; e Sartre vai além: trata-se de uma *decisão de ontem* desse homem-jogador, numa *apreensão sintética da situação* (ruína ou conflito familiar) que o *proibiria* de jogar; note-se como a *decisão* está no passado, e é *lembraida*, não configurando nenhuma *barreira real entre o jogo e o jogador*. Então, decreta Sartre, “essa apreensão sintética não passa de recordação de uma ideia, lembrança de um sentimento: para que aquela decisão venha de novo me prestar ajuda, é preciso que eu a refaça ex nihilo e livremente” (Sartre, 2011, p. 77). Então, parece claro que o passado *não decide* o presente, ainda que o *encaminhe* (matize) a partir da *lembrança* ou *recordação*; mas como esse passado *foi trazido ao presente?*

Não cabe fazer alarde nem suspense: a situação de *jogador* num mundo onde apostadores *perdem* e *devem pagar* gera ruína, o que por certo motivou a *promessa* de não mais jogar; e, no exemplo acima, é a presença da *mesa de jogo* que convida a apostar (*analogon* da promessa passada). Mas não caberia perguntar *por que* esse homem que promete não mais jogar volta ao Cassino? Não caberia, nas entrelinhas, também perguntar sobre as *motivações* que o levaram até ali *da primeira vez*? Afinal, Sartre fala de um jogador *compulsivo* que, em vista

de divertir-se, coloca sua fortuna e paz em risco; e a *memória* do prazer de jogar, que dificulta cumprir sua promessa, *de onde viria?* Enfim, se a questão da *lembrança* da promessa está à mercê da escolha presente e é dela oriunda, por que não estaria também à mercê do presente a *escolha de ser-jogador?* Pois esse homem joga, e quem aposta é jogador, e quem joga perde: não haveria um Ethos (*hábitos*, no sentido de *modo de ser*) desse ser-jogador que, mesmo ante a promessa pretérita, pode *voltar a jogar?* Ademais, se se pode falar por hipótese de que a promessa foi feita por *problemas financeiros e sociais* (*família*), esses são as consequências de uma *compulsão por jogos de azar*, e tem até mesmo seu nome pomposo, ludopatia, e espaço reservado num *compêndio de patologias* (DSM-5, 2014); seriam *memórias equivalentes?* Ou seria a promessa um tipo de *ideia*, ao passo que *ser-jogador* seria um tipo de memória *intrínseca* à escolha original e, portanto, de *difícil alcance* – como no exemplo de Julien-Sorel, do romance *O vermelho e o negro*<sup>11</sup>?

Sartre não é categórico, mas afirma que, *em certo sentido*, o passado é Em-Si e Para-si *ao mesmo tempo*, sendo a *lembrança* aquela que “nos apresenta o ser que éramos com uma plenitude de ser que lhe confere uma espécie de poesia” (Sartre, 2011, p. 172); assim, parece bastante plausível que, além de

---

<sup>11</sup> “\_ Não tenho ilusões, a morte me espera: ela será justa. (...) Meu crime é atroz e foi premeditado. Mereci, portanto, a morte, senhores jurados. Mas, ainda que fosse menos culpado, vejo homens que, sem se deterem em tudo o que minha juventude possa merecer da piedade, vão querer punir em mim e desencorajar para sempre essa classe de jovens que, nascidos de uma classe inferior e de alguma forma oprimidos pela pobreza, tenha a sorte de conseguir uma boa educação e a audácia de misturar-se ao que o orgulho dos ricos chama de boa sociedade. Esse é o meu crime, senhores, e, na verdade, será punido ainda mais severamente por não ser julgado por meus pares” (trecho final; Stendhal, 2002).

cicatrizes e marcas do tempo (Em-Si), a corporeidade possa revelar – também, e de *per si* – suas lembranças corpóreo-motoras-habituais. Ou, dando ainda voz a Sartre, como entender o caráter da *dor passada* que, apesar de *ser coagulada no passado*, “não deixa de apresentar o sentido de um Para-si, e, contudo, existe em si mesmo, com a fixidez silenciosa de uma dor alheia, uma dor de estátua” (Sartre, 2011, p. 172)? Enfim, em paralelo à dor, um *habito* também não precisa *comparecer frente a si para se fazer existir*; noutros termos, tem-se a insinuação de uma *consciência* (*ser-jogador*) *que não sabe de si*, pois é por seu *contraste* (*porque joga*) que o jogador *promete* não mais jogar. Ocorre que, para Sartre, é o corpo que *determina um espaço psíquico*, espaço esse sem cima nem embaixo, nem direita ou esquerda, nem partes: “não que a psique esteja unida a um corpo, mas sim que, sob sua organização melódica, o corpo é sua substância e sua perpétua condição de possibilidade; é o corpo que aparece, logo que designamos o psíquico” (Sartre, 2011, p. 425). Então, a tomada de consciência do homem-jogador de seu *ser-jogador* – algo inscrito em sua corporeidade – não se dá via reflexão *senão* passando pelo Outro: é ao olhar da família, do psicólogo ou dos *cobradores* que o homem-jogador se revela, a si mesmo, como *jogador patológico*; e será, sempre, em dada situação (com sua normatividade vigente), que essa e outras patologias poderão ser anunciadas.

Esquematicamente, o plano ôntico (existência mundano concreta) revela o jogador situado num mundo em que *jogar* pode ser patológico, mas essa *doença* somente poderá ser revelada pelo Outro; então, há tal densidade sintética entre

ser-jogador e a *escolha* por jogar que, parece, seria forçoso falar em liberdade, principalmente se *absoluta*. Pois, e isso é incontornável, é preciso que o jogador saiba-se jogador patológico ao olhar alheio para que ele faça a promessa de não mais jogar: é *tendo sido ante outrem* que o um pode saber de si, ainda que aquilo que é tenha sido decidido - em bloco - no *quando da Escolha Original* e, conforme indicado acima, esteja de tal modo *incorporado a seu ser* que, sem maiores arroubos, coincide com *sua consciência* (não se coloca como *obstáculo*, a menos que isso seja indicado por outrem); não é por acaso que “é o corpo [...] que motiva e, em certa medida, justifica teorias psicológicas como a do inconsciente e problemas como o da conservação das lembranças” (Sartre, 2011, p. 425), além de *presentificar sentimentos* e sustentar as *metáforas mecanicistas* e o *quimismo*. E, convenhamos, seria ridículo em qualquer tempo, como foi para Platão e Descartes, simplesmente negar o corpo; ainda, seriam necessários tantos ajustes na relação *fantástica* entre alma e corpo para torná-la viável que Sartre recusa o problema em sua gênese: a consciência é translúcida em seu movimento intencional, mas ao mesmo tempo essa *pureza reflexiva* está assentada sobre toda a opacidade da *facticidade* e *contingência* do Ser e, ainda, a mercê do Outro e da Situação. E a razão desse aparente *fracasso* (ambiguidade de Ser-Para-Si), segundo a filosofia da liberdade, deverá ser buscada no plano da ontologia.

\*\*\*

A verdade fenomenológica de ser-homem-e-mulher-no-mundo não pode ser contradita, pois todos e cada um *fomos nascidos*: é a livre (ou nem tão livre assim) escolha de pais e mães que faz com que novos *brotamentos involuntários de ser* venham ao mundo; e será necessário o *trabalho dos adultos* (cuidado, educação etc.) para que, a um dado momento, esse *ser* alcance a Idade da Razão (limite entre infância e vida adulta), mas não será suficiente, na medida em que desde seu *início*, esse *ser-nascido é liberdade*. Então quando, antes ainda da linguagem, o bebê gosta de abacate e recusa mamão, ele está *fazendo uma escolha* (poderia ser o contrário, ou gostar de ambas ou de nenhuma) que, no caso dessa consciência *ignorante de si*, podemos dizê-la *corpóreo-motora* (ainda que consciente e livre), ou, uma Escolha de Ser; e, não sem polêmica, tem-se desse ponto de vista a *escolha da sexualidade* pois, para aquele que *escolhe*, há mera identificação entre seu corpo-consciente e aquilo que lhe provoca *prazer*<sup>12</sup>. Insisto no tema:

---

<sup>12</sup> A filosofia da liberdade de Sartre assenta-se em um pilar: a liberdade absoluta, que – de certo modo – coincide com Ser-Para-Si no mundo; crianças, desse ponto de vista, são “brotamentos involuntário de ser”, mantidos e *engendrados* no mundo, também livremente, por homens e mulheres já adultos. Todavia, a criança é, também liberdade, desde seu “brotamento”, afinal ela “escolhe” entre comer abacate ou mamão, ela “escolha” chorar ou esperar o seio materno. Então pode-se, num ambiente filosófico, afirmar que “a sexualidade é uma escolha” visto que, sejam aspectos orgânicos ou educacionais, ou sejam aspectos sociais ou seja o que for (genética, epigenética), nada nem ninguém decide de antemão a sexualidade de criança alguma (ela não é previsível, muito menos controlável); ou seja, longe das investidas contemporâneas de conservadores e da extrema direita, que visam pensar a sexualidade como escolha a fim de estabelecer “patologias” (e, portanto, “cura”), a filosofia da liberdade parte de dois tipos de “escolhas”: algumas, originárias (ligadas à corporeidade) são “escolhas de ser”, outras – porque exigem a maturidade – podem ser chamadas “escolhas reflexivas”. A prestidigitação feita por ideólogos reacionários nasce da confusão entre esses dois planos: tomam escolhas de ser (ser-homossexual, algo que “desabrocha em determinada corporeidade”, desde a tenra infância) como se fossem escolhas reflexivas (continuar ou lutar contra o tabagismo); mas a criança não domina os códigos sexuais e culturais, ela é apenas expressão de ser... de “seu” ser que, aos olhos adultos, receberá sua qualificação (*ser-criança-viada*). E isso é tão mais verdadeiro quando se observa o fenômeno da “descoberta” dessa sexualidade divergente, da *criança-diferente*, de sua qualificação

há dois pontos de vista de cada um dos fenômenos vividos, aquele de quem o vive (*Para-Si, dentro*) e aquele de quem *vê* o que foi vivido (*fora*); a adequação de cada homem ou mulher *a seu ser* (demandas autônomas da corporeidade consciente), Sartre nomeia Escolha Original, essa que “estende o tempo e identifica-se com a unidade dos três ek-stases. Escolher-nos é nadificar-nos, ou seja, fazer com que um futuro venha nos anunciar o que somos, conferindo sentido a nosso passado” (Sartre, 2011, p. 573-574), tarefa que se torna *reflexiva* somente depois da Idade da Razão; antes, é preciso *atravessar a sala escura* (infância) além de, já adulto, tomar o cuidado de não se resumir ao âmbito da pré-reflexão (a assunção de si supera o estado de alienação original da liberdade).

Em suma, todo ato é *escolha*, não importando a *fase* em que determinada existência esteja *presenciando* (se antes ou depois da Idade da Razão); o que muda drasticamente é a passagem da consciência pré-reflexiva para a reflexão: foi *refletindo* a dor provocada em sua família que o jogador prometeu não mais jogar. Mas se isso motiva a promessa de não mais jogar, qual seria o móbil do vício no jogo? Parece claro que no caso da *infância* não será possível encontrar móveis

---

ante o “olhar-social”: ela passa, então, a lidar com o *julgamento* “daquilo que ela é e foi” sem o saber; nem por isso, filosoficamente, deixaria de ser escolha pois, além de hétero, esse indivíduo poderia ter sido transexual, assexual ou bissexual – todas possibilidades legítimas de manifestações desses “brotamentos involuntários de ser” que serão, “de fora”, qualificados pelo “olhar adulto” (Outro) com tais ou quais termos (e o valor atribuído a cada um). Mas de novo coloco relevo no detalhe: para a criança ela simplesmente “é” (expressa seu ser), e “aquilo que ela é” será construído na relação Para-Outro – sem exceções. Então, a sexualidade é – para a filosofia da liberdade – “livre expressão de ser” que brota na infância, e é imediatamente “qualificada” no mundo adulto; explica-se assim a profundidade das feridas que, quase sem exceção, acompanham a existência de pessoas LGBTQIAPN+. Filosoficamente, sexualidade é escolha na mesma medida em que Ser-Para-Si é ser liberdade (LGBT, 2024).

transcendentes (subjetivos, no sentido forte da palavra - *ideia*), pois a chantagem da mãe jamais fará o bebê ceder e comer o mamão que não gosta; mesmo em idades infantis avançadas (adolescência), a consciência que refletiria perigos, simplesmente não se apresenta de modo decisivo (não há um *cálculo* relativo ao ser-futuro), o que caracteriza ainda essa *sala escura* a ser atravessada por homens e mulheres para sê-lo. Dito de modo direto, a Escolha Original substitui a noção de Inconsciente, e isso é possível em razão da ontologia: Sartre afirma que todo homem ou mulher é Ser-Para-Si, o que significa dizer, tem seu princípio de ser em si mesmo; e modos de ser não se alteram, donde pareça evidente que Ser-Para-si (e, portanto, consciência e liberdade – porque jamais se identifica consigo) se aplique a todas as *pretensas fases* que se pode, de fora, indicar no amadurecimento de cada menino ou menina. Então sim, o bebê é consciência e liberdade, mesmo antes da linguagem e, assim, faz escolhas de ser; com a linguagem essa esfera de ação vai se ampliar até que, com a adolescência e o desenvolvimento dos *domínios da abstração* – donde *ideias divergentes* de ser podem, enfim, aparecer (serem *pensadas*) – tem-se os primeiros lampejos dessa *reflexão*. Ora, o móbil que leva o jogador *adulto* a jogar estaria calcado nesse tipo de *memória* que, tanto para jogar como no caso da promessa de jamais jogar novamente, remete à lembrança (exige *recordar*). O passado entrelaça-se a *meu ser* e, mesmo sendo-o no modo de não mais sê-lo, o fato é que *sempre me encontro* numa situação que é *diretamente ligada* ao momento *anterior*.

A consciência é intencional, e disso Sartre não abre mão, afinal esse é o ponto de partida de sua filosofia; e,

porque não há consciência senão corpórea, a ontologia decreta que Ser-Para-Si é ser consciência que, primeiro (infância) não reflete e - por seu ser - passa a refletir (Idade da Razão). Então, é a reflexão aquela que vai revelar a homens e mulheres sua *liberdade ativa e refletida* fazendo-os reconhecer, desde a reflexão, que *são e sempre foram* sua escolha (liberdade). Sartre nega sim a noção de inconsciente, mas ele aloca todas as motivações e aparentes determinações psíquicas nessa *consciência opaca* que é a corporeidade pré-reflexiva. Nas palavras do filósofo, “O móbil torna-se então aquilo de que há consciência. Pode me aparecer em forma e ‘saber’; vimos, com efeito, que o passado morto infesta o presente com o aspecto de um saber; [...]. Nesse caso, é objeto de consciência, é esta própria consciência da qual tenho consciência” (Sartre, 2011, p. 555); ou seja, ser jogador é algo que *perpassa a existência* daquele que joga compulsivamente, mas, em seu processo de *ser*, há um momento de *descoberta* de que ele é *ludopata*. Ou seja, se o móbil *mesa-de-jogo-presente* motiva o jogador a quebrar sua promessa, é porque há outro móbil: aquele que o leva a jogar, e que estava até então *escondido*, para o jogador, no jogador mesmo! O desejo sexual, em se tratando dessa sala escura, funciona do mesmo modo: é *pelo outro* (e seu olhar preconceituoso) que o homem-homossexual pode descobrir que é aquilo que *sempre foi* (sua escolha de *ser*), pois *ser-gay* somente poderia lhe chegar *de fora*; até essa *idade da razão* o que havia era liberdade, sinônimo de realizar as demandas que, desde sempre, coincidiram com determinado *brotamento involuntário de ser* (sua corporeidade). A ambiguidade da situação homem-no-mundo exige de

Sartre manter a consciência intencional coexistindo com a opacidade da infância e do *passado em geral*: Ser-Para-Si exige consciência que se *realiza* reflexivamente, mas para aí chegar um longo caminho precisa ser percorrido; esse caminho pode, agora, ser nomeado adequadamente: é a Memória, existência *fática* que se faz passado pelo *poder corrosivo* da negação (consciência) enquanto *permanece* de algum modo, e é o móbil mais provável daquele *ser-homem-jogador* até que, constrangido por sua situação, ele o *saiba*; e, por isso, faça uma promessa.

A memória, em seus processos de lembrança ou recordação, reúne numa rubrica todos os vividos intencionais de consciência desde o nascimento: consciência que *não sabe de si* até refletir, e que precisará *revisitar* cada uma de suas escolhas pregressas, até mesmo aquelas que *absolutamente não se lembra* (ainda que não nos lembremos de nosso nascimento ou primeira infância há fotos, filmagens, relatos, documentos etc.), mas que deverão ser *assumidas* no ato de *assunção de si* de homens e mulheres (consciência reflexiva). Há, assim, *lembranças em geral* que *são minhas* e *são transcendentas* (são de outrem); ou,

estamos rodeados por esses móveis aos quais “não mais nos adequamos”, porque temos não apenas de decidir concretamente executar este ou aquele ato, mas também de executar as ações decididas na véspera, ou de ir ao encalço de empreendimentos em que estamos comprometidos (Sartre, 2011, p. 555).

Não pode haver *consciência feliz* que reflita, pois ela sempre vai se apreender como *comprometida* por sua situação, o que demanda *perguntar-se sobre os móveis* que movem escolhas

nascidas desse comprometimento até o limite de serem estabelecidas teorias científicas sobre *jogar* e *jogar compulsivamente* (DSM-5); ainda, cabe lembrar que Sartre radicaliza a assunção de si como, *metaforicamente*, assumir o próprio nascimento: somos escolhas conscientes e livres de ser desde sempre (para nós mesmos), desde nosso brotamento involuntário de ser-no-mundo, ainda que – em vista do processo fenomenológico *natural* – apenas com o advento da razão essa necessidade de assunção de si seja *compreendida* (pois, antes, ela foi sempre solicitada por *outrem*).

\*\*\*

As *verdades fenomenológicas*, visto serem pautadas por *infinitas visadas possíveis*, admitem contradições e ambiguidades: Sartre, depois de Freud, reencontra o fenômeno das motivações passadas de atos presentes e, recusando-se a repetir a tese de *forças inconscientes* (advindas de alguma instância subconsciente ou pré-consciente), chama de *memória* a essa consciência que escolhe *ignorante de si*, porque foi inserida nalguma *Situação* e, claro, sempre diante do *Olhar do Outro*. Isso, dito em termos ontológicos, fica da seguinte maneira:

O Para-si corresponde, portanto, a uma destruição descompressora do Em-si, e o Em-si se nadifica e se absorve em sua tentativa de se fundamentar. Não é, pois, uma substância que tivesse por atributo o Para-si e produzisse o pensamento sem esgotar-se nesta produção. Permanece simplesmente no Para-si como uma lembrança do ser, como sua injustificável presença ao mundo. O ser-Em-si pode fundamentar seu nada, mas não o seu ser; em sua descompressão, nadifica-se em um Para-si que se torna, enquanto Para-si, seu próprio fundamento; mas sua contingência de Em-si permanece

inalcançável. É o que resta de Em-si no Para-si como facticidade e é o que faz com que o Para-si só tenha uma necessidade de fato; ou seja, é o fundamento de seu ser-consciência ou existência, mas de modo algum pode fundamentar sua presença. Assim, a consciência não pode, de nenhuma forma, impedir-se de ser, e, todavia, é totalmente responsável pelo seu ser (Sartre, 2011, p. 134).

O trecho é longo, e a linguagem à primeira vista *difícil*; mas tudo pode ser facilmente *traduzido*, desde que se considere algumas *descobertas* da ontologia: há, e somente há, dois tipos de Ser-no-Mundo, Em-Si e Para-Si; o primeiro deles caracteriza-se por sua absoluta identidade consigo, ao passo que o segundo é *abertura de ser* que se realiza como *si-mesmo* (ser que busca *fundamentar-se*, e jamais coincide consigo); o Para-si é, assim, negação ininterrupta do Em-Si, processo que se passa (e somente se passa) na presença de outrem: é o Ser-Para-Otros, a incontornável necessidade da alteridade para que homens e mulheres sejam no mundo, e explica-se pelo *conflito originário* (que é, efetivamente, o *único motor da história*). Não há determinação porque aquilo que *fomos* (passado) permanece como *lembraça do ser*, o solo a partir do qual *minhas escolhas de ser* são (ou podem ser) *realizadas*.

Assim, na *efetividade mundana*, somos responsáveis (e responsabilizados) por nosso ser, mesmo que obrigados ontologicamente a ser *consciência* e ainda que *incapazes de não a ser* em definitivo: a ambiguidade está inscrita no âmbito ontológico, e se reapresenta continuadamente no plano ôntico, donde pareça aceitável que o homem-jogador, a um dado momento de seu *ser*, descubra-se *jogador*, algo que, também por sua *escolha*, acabou levando-o a fazer uma promessa de

não jogar<sup>13</sup>. Esse consciente não sabido, que é efetivamente a matéria das lembranças e recordações, cumpre o mesmo papel que tem o Inconsciente na psicanálise freudiana, mas com uma vantagem enorme para a *economia* da filosofia da liberdade: homens e mulheres são absolutamente responsáveis por seu ser, e pelo mundo. Não há *um estranho* que escolha por mim (ou *em* mim), mas sou *eu mesmo* enquanto ser no-mundo (corporeidade) que *sou apresentado a mim*; o jogador descobre-se jogador no sofrimento, o covarde quando foge, a heroína quando cumpre sua tarefa. Não há *potencialidades* ou *misérias* que possam ser, efetivamente, escondidas, senão *para nós-mesmos*; afinal, somente para lembrar, Genet roubava, e quem rouba é *ladrão*, e isso se passou quando ele tinha 10 anos<sup>14</sup>. E sua história de *redenção pela poesia* exigiu essa *revelação* de seu ser, ainda que ele já roubasse anteriormente: mesmo nos casos de *perversão* será, sempre, o Outro aquele que vai permitir que o um seja, pois será ele a revelar tudo que sou conscientemente e, por peculiaridades existenciais, também aquilo que sou sem *ainda* o saber. É certo que isso se aplica aos mais diversos casos *fenomenológicos* relatados

<sup>13</sup> A responsabilidade ante a liberdade, que é do escritor e de todos os homens e mulheres, faz lembrar um belíssimo (e já antigo) trabalho sobre “literatura francesa”, mas que, na verdade, direciona a indagação sobre a memória corpóreo-motora ao próprio Sartre; ou melhor, numa cuidadosa análise de *As Palavras*, de Sartre, Elena, em “Memoria y literatura en <Les mots>, de Jean Paul Sartre”, formula questões mais que pertinentes: “Jean Paul Sartre escreveu *Les Mots*, uma história em que, voltando-se para o seu passado, se concentra na infância – entre os cinco e os doze anos – a génese da sua vida intelectual. Como a memória age nesta autobiografia? É um registro mecânico de memórias?” (Blarduni de Bugallo, 1997). Acrescento uma dúvida, a ser direcionada a Sartre: o que dessas “memórias” são advindas de “sua” corporeidade?

<sup>14</sup> “Genet se dá simbolicamente a sua natureza de ladrão, é uma repetição da crise e do rito de passagem, uma morte seguida de ressureição. A cada vez, o menino *se mata* para *ressuscitar* ladrão diante de testemunhas imaginárias. Roubava porque “era” ladrão, agora, é para *ser* ladrão que ele rouba. Roubar, agora, para ele, é *consagrar* a sua natureza de ladrão pela aprovação soberana da sua liberdade” (Sartre, 2002, p. 79).

pela Psicologia: o codependente não se sabe codependente, ainda que aja no mundo seguindo determinados parâmetros que estão previstos no compêndio de *categorização de doenças mentais*; e seu *par possível* (quase necessário, caso não haja tratamento), o narcisista, também não se sabe narcisista, ainda que *se faça no mundo* em conformidade com a *descrição técnica de seu caso*. E a lista dessas *estruturas de ser não sabidas* é imensa.

Memória exige saber *saberes* desde o brotamento involuntário de ser, muito antes de qualquer Razão ou abstração: é na crueza da *carne-pulsando-que-chora-mama-dorme-defeca-mija-acorda* que todo e qualquer *saber* (o que, futuramente, fará parte de sua *memória*), primeiro, estabelece-se; e isso é assunto da Psicologia Infantil (da infância até a adolescência) que, em suas minúcias, estabelece *competências* para bebês desde o plano intrauterino, passando pelo neonatal e então pós-neonatal (infância, propriamente dita); Sartre não se arrisca a ir tão longe. A psicanálise existencial não *poderia* voltar para além dos *dois anos de idade* pois, até então, essa consciência nascente seria *genitrix* (coincidente com sua mãe, conf. afirma o filósofo a respeito de Flaubert)<sup>15</sup>. Todavia, desde aí, pode-se *psicanalizar* uma existência; pois, se conforme dito acima, ser homem-no-mundo é ser sempre *ante outro* (somos *nascidos*), ainda que *eu* nada saiba desse período, é preciso admitir

---

<sup>15</sup> A investigação da psicanálise existencial, graças ao uso do método progressivo-regressivo, em tese permitiria a “completa compreensão de uma existência” (que, no limite, significa desvendar a totalidade de uma Escolha Original); de um lado, isso indica que tal investigação somente termina com a morte, pois enquanto vivo ele ainda “poderia mudar”. De outro, cumpre perguntar “quando”, efetivamente, começa uma existência; Sartre responde: “O que a criança interioriza, nos dois primeiros anos de sua vida, é a Genitrix por inteiro; isso não quer dizer que ele se assemelhará a ela, mas que será feito, em sua singularidade irredutível, pelo que ela é” [Sartre, 2013 (1971), p. 59].

o testemunho de pais e cuidadores, aceitar todos os documentos relativos a esses *períodos* (cartão de vacinação, fotos, boletins escolares etc.) e acatar os *julgamentos* de terceiros do *sentido* do passado que, efetivamente, *eu fui*. Cabe lembrar, ainda, que esse é o único reparo que Sartre propõe ao método psicanalítico: Freud tem razão, pois todo fato remete a um fato anterior (somos *seres passados*), e justifica a *Psicanálise*; mas razão *em parte* pois, uma vez que a ontologia mostrou que o Ser-Para-Si tem suas *raízes* fincadas no Ser-Em-Si e no Ser-Para-Outro, faltou a Freud considerar a *situação*. Sartre utiliza uma imagem: a psicanálise freudiana cumpre seu papel *vertical*, que é buscar o sentido sempre *mais profundo* de toda situação presente; mas esquece-se do aspecto *horizontal*, que remete justamente ao Outro e, por consequência, ao Mundo (normatividade vigente, lugar, classe, etnia etc.), afinal “Freud busca constituir um determinismo vertical” (Sartre, 2011, p. 565). A psicanálise existencial, porque visa tanto a verticalidade quanto a horizontalidade dos *sentidos possíveis* do passado (método *progressivo-regressivo*) está, assim, mais adequada ao fenômeno da lembrança e recordação: corpo é lugar de memórias, como também o serão objetos e, sobretudo, *outrem*.

A liberdade de ser-no-mundo que, conforme a ontologia, *sempre aparece a si mesma como alienada* se explica: homens e mulheres são deuses com pés de barro, pois toda sua *racionalidade* estará, sempre e à revelia, *calcada* na Memória. Isso não afeta, evidentemente, a consciência intencional: ela permanece autônoma e translúcida para si mesma, porém *ignorante* de *aspectos* de sua *memória*, ou seja, o jogador que

conscientemente joga de modo compulsivo sem *saber-se ludopata*; afinal, ao *querer algo e encontrar o objeto querido*, o *saber concernente ao que quero* vai desaparecer, num preenchimento de adequação. Ou seja, comprometo-me em uma busca desesperada da liberdade do Outro e, no meio do caminho, encontro-me comprometido em uma busca que perdeu seu sentido; todos os meus esforços para devolver à busca o seu sentido só têm por efeito fazer com que tal sentido se perca mais” (Sartre, 2011, p. 476), tal como se passa com Roquentin balzaquiano quando, *perplexo* e com tremendo *ma-lestar* admite: *a náusea sou eu*;<sup>16</sup> ou, com Mathieu no início de sua jornada quando, *livre* para fazer um aborto, vê-se *não livre* para fazer o mesmo aborto (tem a possibilidade, mas não a condição, ou, tem o médico, mas não tem o dinheiro, Sartre, 1996). Nenhum sentido erigido no passado, como no caso da promessa do jogador, poderá resistir à liberdade, afinal todo juramento ou promessa passa – no *instante* seguinte – ao plano da *memória*, adentra o âmbito do Em-si e, todavia, porque todo juramento remete a *outrem* (não faz sentido prometer algo a si mesmo, afinal a consciência é translúcida, e *livremente* vai repetir sua *escolha original*) e permanece *sabido* por mim, ele é sempre *renovado* a cada *instante*, por mim e por *outrem* – é Para-Si. E é Em-si. A ambiguidade torna à pauta. Pois decisões pregressas têm, ao mesmo tempo, a

---

<sup>16</sup> A *Náusea* (Sartre, 2004) é um romance tido por Gerd Bornheim como o *exercício da dúvida sartriana* (em paralelo com Descartes, Bornheim, 1971), é de fato aberto a muitas visadas possíveis. Trago aqui um importante trabalho sobre a memória – ou melhor, “crise da memória” – a partir de uma análise muito acertada de *A Náusea*; cito Francis em um momento decisivo: “Sartre, portanto, não se contenta em atacar todas as representações sociais conservadoras, ele busca libertar o indivíduo de uma memória incômoda que o torna escravo do passado, a fim de forçá-lo a se situar aqui e agora, em um mundo sem profundidade temporal ou espiritual” (Lacoste, 2007).

permanência em-si e a plasticidade para-si, fazendo com que o juramento pretérito não tenha, no presente e ante a liberdade, nenhuma força (é como quando se tenta lembrar de um sonho e não consegue, mesmo *sabendo* ter sonhado); ou, “quando tento explicar o conteúdo de uma falsa reminiscência e a própria explicação faz com que ela se dissolva em translucidez” (Sartre, 2011, p. 476), situação equivalente à descoberta do codependente de que é codependente, ou do jogador que sua jogatina é *patológica*. Revelação que repete, inclusive, a *descoberta* da própria sexualidade.

\*\*\*

Corporeidade é memória, mas é também *esquecimento*. A afirmação *lembRAR-se de si*, coloquial como *pensar em si mesmo*, revela pela linguagem comum essa ambiguidade apresentada pela filosofia de Sartre: a paranoia, por exemplo, *ilusão de grandeza*, faz o mendigo *esquecer-se de si, de sua mendicância* enquanto intenciona uma ideia partilhada com outrem – ser rei; e os *outros*, fiando-se na situação e na *razão*, chamá-lo – *ão louco*. Esquecer um encontro, apesar de sua menor gravidade, remete ao mesmo panorama: *houve eu mesmo num dado momento combinando um encontro e, agora, que sei que me esqueci, na verdade estou lembrado de mim mesmo, que fui aquele que combinou e sou aquele que não fui ao encontro – não é trava-língua, mas mera descrição fenomenológica das falhas comuns da memória*, seja por falta de um *lembrete* (alarme), seja por... ato falho? Ou *desejo?* Claro, *desejo jogar, desejo agradar, desejo dominar e, ante sua satisfação (ante o*

objeto do desejo), posso *esquecer* até mesmo o sentido desse desejo; ou, “Acho-me perdido frente a este Outro que vejo e toco, mas do qual já não sei mais o que fazer. É como se eu conservasse a lembrança vaga de certo Mais-além daquilo que vejo e toco, um Mais-além que reconheço como precisamente aquilo de que quero me apropriar. É então que me faço desejo. O desejo é uma conduta de encantamento” (Sartre, 2011, p. 489); e que a íntima relação entre outro e objeto não seja causa de espanto, pois a satisfação do desejo jamais poderia suprimi-lo, e redundaria em sadismo ou masoquismo. Mas, seja como for, cada Para-Si – em sua Escolha Original – esboça um *projeto* de ser que, em certa medida, exprime aquilo que é (sua corporeidade); seja no plano da promessa, ou do desejo, nota-se que ambos podem ser *objeto para a consciência* ou – e isso precisa ficar bastante sublinhado – *fundir-se com ela*.

Entre a translucidez da consciência intencional que não comporta opacidades, e a opacidade do *objeto-si-mesmo* que ela pretende *averigar*, instala-se a Memória, essa corporeidade indigesta para toda filosofia idealista. E, para retomar um tema anunciado no parágrafo anterior, é preciso falar de amor; e isso é um pouco decepcionante para os apaixonados: *juras de amor* nada valem para Sartre ou, melhor, no plano da filosofia da liberdade o amor é uma *falácia*, justamente porque irá sempre redundar em masoquismo ou sadismo; noutras palavras, amor não se faz por juras mas pela repetição de uma mesma escolha indefinidamente, *memória essa* que poeticamente adentra o coração, e na prática pode provocar palpitações, desconforto, excitação. Então, *quando confundida*

*com seu desejo, a consciência intencional funde-se com o amor em suas práticas que serão incorporadas como subserviência ou dominância, não há alternativa: juras de amor são feitas ao vento, na exata medida em que são corroídas pela liberdade pois, declarada uma jura, ela somente poderá se instalar na memória que, conforme foi mostrado, remete ao possível esquecimento – como no caso da afetação do jovem tímido que, tendo certeza que decorou certa poesia, é incapaz de declama-la ante um público.* Tornando a Sartre, o amor é impossível pois, factualmente, ele somente pode se fundar nas opacidades da memória; e, mais, na prática acabaria em sadomasoquismo. O filósofo se arrisca em terras alheias e descreve o sadismo e o sádico; e, independente da correção ou atualidade dessa descrição, importará, a seguir, colocar em evidência alguns elementos do recordar (parte integrante do processo de lembrar):

O sadismo é paixão, segura e obstinação. É obstinação porque é o estado de um Para-si que se capta como comprometido, sem compreender em que está comprometido e persiste em seu compromisso sem ter clara consciência do objetivo a que se propôs nem lembrança precisa do valor que atribuiu a esse compromisso. É segura porque aparece quando o desejo foi esvaziado de sua turvação. O sádico recuperou seu corpo enquanto totalidade sintética e centro de ação; recolocou-se na fuga perpétua de sua própria facticidade; faz experiência de si mesmo frente ao outro enquanto pura transcendência; tem horror à turvação para si mesmo e a considera um estado humilhante; pode até ocorrer, simplesmente, que não consiga realizá-la em si mesmo (Sartre, 2011, p. 495).

*Obstinação* aparece aqui num sentido idêntico àquele do jogador que, porque promete não jogar, descobre-se jogador; e tem-

se a descrição do processo: o obstinado *capta-se como comprometido*, mas *capta-se de sua situação* e por si mesmo (reflete), algo que dar-se-ia *sem nenhum saber?* Pois ele *persiste no compromisso sem compreender a que* está comprometido, nem o *objetivo* e sequer quem o propôs – e, ainda assim, é um ato *livre e gratuito*. Ora, não é exatamente essa a condição da consciência *desejante?* Ou, o que se tem não é a *secundarização* da autoevidência da consciência intencional em proveito de algo que, sendo Em-Si-Para-Si (memória), *enfeitiça* a consciência? Então, o jogador *joga*, o ladrão *rouba*, o codependente *se humilha*, numa situação não de paralelismo entre consciência e corpo, mas de identidade entre essas instâncias. Trata-se de *corporeidade*, pela qual pode-se identificar *codependentes* no mundo e, o que é mais relevante, essa pessoa *ignora* sumariamente *aquilo que é*, tal qual o obstinado não sabe das *razões de si* ainda que, do *alto de sua liberdade reflexiva* seja, ele mesmo, com suas livres escolhas, a origem de sua obstinação – pois é com *seu corpo* que o ladrão, que é *ladrão*, rouba. A encarnação da subjetividade gera, justamente, esse espaço *turvo* entre o Projeto Original e a Situação (entendida como corporeidade, facticidade e contingência do Ser) que é, enfim, Memória. Ela é em-si-para-si, ambiguidade movente no *mais íntimo* de Ser-Para-Si; e sempre, e irremediavelmente, *em domínio* do Outro. Pois, está claro, somos *nascidos* de outrem, e mais do que isso, *fomos engendrados* no mundo por outros homens e mulheres e, ainda, esse *mundo* tem seu tempo (período), seu lugar (classe) e suas possibilidades (técnica e tecnologia), além de todo aparato cultural, legal e social (ideologia) e, tudo isso, na sua exata medida, *faz parte da Memória*: é

o radialista que falava no rádio, ou o padre em sua missa, ou a professora e seus trejeitos, ou ouvir o galo cantar... na turvação da consciência, nesses *instantes de identidade* (sentimento, desejo, sadismo, masoquismo, obstinação), ocorre a junção impensada entre Em-Si e Para-Si, resultando nessa *certeza desconfiada* que pode-se experimentar em relação à memória. Mas é preciso ir adiante: a memória *nunca foi um domínio só meu*, pois esse é exatamente o lugar – por assim dizer – de realização do Ser-Para-Outro em sua *negação interna*<sup>17</sup>.

A negação que o Para-Si promove em relação ao Em-Si é *externa*, pois não deforma seu objeto, apenas o *reveleia*; mas o processo negativo entre Para-Sis demanda que ambas as partes *se neguem*; e, assim, de certo modo graças à Memória – esse *em-si-que-sou-e-foi-visto* desde que nascido (até então o bebê é *Em-Si*), do qual não posso me separar porque *o sou* enquanto estiver vivo, é *trazido ao Mundo*; mas ontologicamente sei-me finito, enquanto fenomenologicamente *todos morrem*. Então, se o Outro tem *meu ser-memória* (passado) a seu dispor, pois em grande medida é *público* (coincide com aquilo que *fui*, e permanece na *Memória*, minha e/ou de meu grupo, quiçá de *todos*), minha corporeidade que *morre*, mesmo morta (deixou de existir), também está publicamente à *mercê* de outrem. Assim, “qualquer que seja a vitória efêmera obtida na luta contra o Outro e ainda que tenhamos nos servido do

---

<sup>17</sup> A negação externa é aquela promovida no mundo pelo Ser-Para-Si em relação ao Ser-Em-Si que, além de revelar *istos*, faz o Para-Si *apreender-se* como essa falta de ser (afinal, jamais se identifica com ser algum); a negação interna, por sua vez, ocorre entre Seres-Para-Si, “Pois, com efeito, as consciências estão separadas por um nada que é inexcedível por ser ao mesmo tempo negação interna de uma pela outra e um nada de fato entre as duas negações internas. O amor é um esforço contraditório para superar a negação de fato conservando a negação interna” (Sartre, 2011, p. 468).

Outro para ‘esculpir nossa própria estátua’, morrer é ser condenado a não existir a não ser pelo Outro e a ficar devendo a este seu sentido e o próprio sentido de sua vitória” (Sartre, 2011, p. 666). Sou *para-outro* presentemente, e posso *habitar sua memória* (caso dos amantes) ou *ser esquecido*; e assim como o *segredo do que sou* permanece em poder de outrem, também *minha persistência no mundo* depende diretamente daquilo que se pode chamar *memória*, ou, *esquecimento*. Pois

minha existência póstuma não é a simples sobrevivência espectral, “na consciência do Outro”, de simples representações a mim concernentes (imagens, lembranças etc.). Meu ser-Para-outro é um ser real, e, se permanece nas mãos do Outro como um casaco que abandono após minha desaparição, é a título de dimensão real de meu ser [...] espectro inconsistente (Sartre, 2011, p. 666).

Solipsismo em Sartre é, assim, *invenção do século*, pois a interdependência oriunda da ontologia faz com que, em certa medida, o *eu seja refém do outro* e, como todos são outros para todos, ser-homem-ou-mulher é *ter seu ser hipostasiado* por outrem; essa é a situação da liberdade situada numa estrutura *de ser* que tem Memória, e existe a partir de lembranças e recordações.

\*\*\*

É preciso concluir. A ontologia já cumpriu seu papel, de garantir que somos *consciência* e *liberdade* desde nossa gênese de ser; e de mostrar que essa, por sua *ambiguidade ontológica*, move-se da pré-reflexão (consciência que *não sabe de si*) à reflexão, consciência *autônoma* que tem por objeto, além de

outras pessoas e o mundo, a *si mesma* (memória). Dessa feita, porém, a consciência (*de*) consciência encontra-se a si mesma como memória e esquecimento de si (corporeidade); a *travessia da sala escura* deixa suas marcas, sempre presentes mas ausentes para a consciência que não se olha (reflete): é memória-consciente, que leva o jogador ao cassino, mesmo tendo feito uma promessa; também é a memória aquela corporeidade *inicial* (bebê): no plano da *vida ordinária* não há dúvidas de que a criança é *consciente*, e que aquilo que a difere de um cachorro ou um macaco não é mais que a *possibilidade* dessa consciência *vir a refletir*. Então, se há dicotomia entre psicanálise freudiana e psicanálise existencial, não cabe tomar partido; certo é que, *em geral*, a psicanálise freudiana faz parte da *história da psicologia*, e esse é o *aporte* desse texto. Todavia, no Brasil, a reverência a Freud não deixa de lembrar a psicanálise enquanto *recordação* (reconstrução do passado) que já não tem função terapêutica central: afinal, no caso de *experiências traumáticas* passadas, elas não seriam *alteradas* (alteráveis) em sua narrativa presente (ver Bohleber, 2020)? Então, sendo a psicanálise meramente *vertical*, como falar em *verdade* das lembranças (*fantasia* ou *realidade traumática*) sem o devido meio de *averiguá-las*? O filósofo aponta para outro rumo, pois o que “principalmente interessa à psicanálise é determinar o projeto livre da pessoa singular a partir da relação individual que a une a esses diferentes símbolos do ser” (Sartre, 2011, p. 748); trata-se aqui, claro, da Psicanálise Existencial pois, somente considerando os aportes *horizontal* (focado na situação-memória) e *vertical* (focado na memória-situada), e tendo como premissa a *possibilidade* desse *vagar existencial* (método

progressivo-regressivo), além da admissão e assunção da *corporeidade* (nos termos aqui indicados, como *memória*), é que será possível *entender* uma existência enquanto *aventura individual*.

A psicanálise proposta por Sartre, porque existencial, sugere a *averiguação horizontal* (objetos de memória, documentos etc.) e, no confronto da *memória reconstruída* e dos objetos de memória e possíveis *versões divergentes*, estabelecer um *sentido de determinada existência*<sup>18</sup>; e o que será encontrado é a realização da Escolha Original, aquela que permanece *encravada* na memória e, por isso, mesmo que *matize* (ou defina) escolhas, não poderá ser percebida – senão pelo Outro ou pelo um numa *psicanálise*; e seu objeto, já o sabemos bem: não é o inconsciente, nem o subconsciente, mas consciência *não sabida* (alienada), sinônimo de corporeidade que remete a seu *duplo-ontológico* memória (em-si-para-si), de um lado; e seus congêneres objetais, como *istos preterizados* (para-si-em-si). Também o em-si-memorável (objeto de memória) apresenta-se nesse limbo, naquilo que concerne à *camada constituinte* (presença negadora da consciência) que faz de um *urinol usado por um Rei* objeto de alto *valor*; é, por exemplo, o caso das relíquias, não “somente as relíquias religiosas, mas também, e sobretudo, o conjunto das propriedades de um

---

<sup>18</sup> Pode-se (e deve-se) discutir a *efetividade* da psicanálise existencial quando tratada *nesses termos*: ela seria viável? Certo é que as *biografias* de Sartre sobre Mallarmé, Baudelaire, Flaubert e Genet (esse último *psicanalizado* ainda em vida) – que a meu ver, são bem mais que biografias, mas genuínos *exercícios de psicanálise existencial* – estão na berlinda; sobre o primeiro e o segundo, elas são insuficientes, e no caso do terceiro, interminável. Mas chama atenção a *biografia* de Genet, que ao colocar *a nu sua mecânica cerebral* (nas palavras de Jean), tornou *impossível* que ele continuasse escrevendo; e, de fato, ele não escreveu mais; ou escreveu? Pela ordem, Sartre (1986, 1963, 1971 e 2002).

homem ilustre [...] nas quais tentamos reencontrá-lo; as ‘lembraças’ de um morto querido que parecem ‘perpetuar’ sua memória” (Sartre, 2011, p. 718). Mas tudo parte e termina na corporeidade-consciente que, *de per si*, faz-se consciênciacorpórea capaz de *refletir*; e morre. Isso vai muito além daquele processo *exploratório* do bebê que *se toca e é tocado por si* sendo, isso, equivalente da reflexão consciente – de jeito nenhum! Se Nietzsche afirma que *o corpo é a grande Razão*, que estaria sobreposta à *pequena Razão* que, para todos os efeitos, tem a mesma função que Sartre alega ser da consciência, então, diametralmente oposto ao filósofo alemão, pode-se – sartrianamente – parafraseá-lo: *o corpo não é uma grande Razão...* é nossa grande Memória. A consciência reflexiva é a tentativa de *dar razão* (sentido) a essa Memória, que é e *advém* de nossa corporeidade-vista, de nossos objetos de uso e colecionados, daquilo que *somos* (carne-com-mente), enfim.

**Abstract:** Sartre explores the role of memory and consciousness in his existential philosophy, arguing that consciousness is always intentional and embodied, marked by choices and the impossibility of coinciding with itself. Memory, in this context, is seen as the matter that connects being to the past, influencing present choices without being reduced to the unconscious; it is a complex phenomenon that encompasses individual, collective, and historical dimensions and, for Sartre, is inseparable from corporeality and existential project.

**Keywords:** Sartre, Freedom, Memory.

## Referências bibliográficas

BARROS, M. V. M; RODRIGUES, M. G. Sartre e a questão da memória: entre a recordação e a escolha. *Contextura*, Belo Horizonte, n. 9, p. 87-101, abr. 2017.

BLARDUNI DE BUGALLO, E. E. *Memoria y literatura en “Les mots”, de Jean Paul Sartre*. 1997. Argentina. Sistema Nacional de Repositorios Digitales. Disponível em: [Descrição: Memoria y literatura en <i>Les mots</i>, de Jean Paul Sartre \(mincyt.gob.ar\)](#)

BOHLEBER, Werner. Recordação, trauma e memória coletiva: a luta pela recordação em psicanálise. *Revista de Psicanálise*. 2020. Disponível em: [Recordação, trauma e memória coletiva: a luta pela recordação em psicanálise | Revista de Psicanálise da SPPA](#)

BROHM, J-M. *Ontologies du corps*. Presses universitaires de Paris Nanterre, 2017, <https://doi.org/10.4000/books.pupo.7056>, Disponível em: [Ontologies du corps - Presses universitaires de Paris Nanterre \(openedition.org\)](#)

BORNHEIM, G. A. *Sartre, Metafísica e Existencialismo*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

COOREBYTER, V. & CORMAN, G. (org.). *Études sartriennes 2021, n° 25 : Autour du mémoire sur l'image (1927)*. Disponível em (mediante pagamento): [Études sartriennes. 2021, n° 25. Autour du mémoire sur l'image \(1927\) \(classiques-garnier.com\)](#)

DSM-5. American Psychiatric Association. Trad. Maria Inês Corrêa Nascimento ... et al.]; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli... [et al.]. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: [DSM V.pdf \(co.pt\)](#)

GAUER, G. G. & BARBOSA, W. *Recordação de eventos pessoais: memória autobiográfica, consciência e julgamento*. Psicologia, Teoria e Pesquisa. 2008. Disponível em: [SciELO - Brasil - Recordação de eventos pessoais: memória autobiográfica, consciência e julgamento](#) [Recordação de eventos pessoais: memória autobiográfica, consciência e julgamento](#)

JUDAKEN, J. *Sartre, multidirectional memory, and the holocaust in the age of decolonization*. Cambridge University Press, 2011. Disponível em: [SARTRE, MULTIDIRECTIONAL MEMORY, AND THE HOLOCAUST IN THE AGE OF DECOLONIZATION | Modern Intellectual History | Cambridge Core](#)

LACOSTE, F. *La Nausée de Sartre ou la crise de la mémoire*. In: Le Temps de la mémoire II : soi et les autres (Dir. Bohler et Peylet). Bordeaux, 2007. Disponível em: [Le Temps de la mémoire II : soi et les autres - La Nausée de Sartre ou la crise de la mémoire - Presses Universitaires de Bordeaux \(openedition.org\)](#) (online depuis 2020).

LEVY, L. D. *Memory in the Early Philosophy of Jean-Paul Sartre*. Libraries Temple University, 2011. Disponível em: [Memory in the Early Philosophy of Jean-Paul Sartre \(temple.edu\)](#)

LGBT, 2024. Disponível em: [LGBTQIA+ – Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania \(www.gov.br\)](#)

ROUX, L. *Être-au-monde et habiter son corps : ce que la corporéité nous apprend des troubles psychiques.* Médecine humaine et pathologie. 2023. SU FM - Sorbonne Université - Faculté de Médecine. Disponível em: [Être-au-monde et habiter son corps : ce que la corporéité nous apprend des troubles psychiques - DUMAS - Dépôt Universitaire de Mémoires Après Soutenance \(cnrs.fr\)](#)

SARTRE, J-P. *A Idade da Razão.* Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 1996.

SARTRE, J-P. *A transcendência do Ego: esboço de uma descrição fenomenológica.* Trad. Pedro M. S. Alves. Lisboa: Colibri, 1994.

SARTRE, J-P. *Baudelaire.* Note de Michel Leiris. Paris: Gallimard, 1963.

SARTRE, J-P. *A Náusea.* Trad. Rita Braga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

SARTRE, J-P. *O idiota da família:* Gustave Flaubert de 1821 a 1857 (I). Porto Alegre: L&PM, 2013 (*L'idiot de la famille*, 1. Paris : Gallimard, 1971).

SARTRE, J-P. *O Imaginário.* Trad. Duda Machado. São Paulo: Ática, 1996.

SARTRE, J-P. *O Ser e o Nada* – Ensaio de Ontologia Fenomenológica. 20. ed. Trad. Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 2011 (*L' Être et le Néant – Essai d'ontologie phénoménologique.* Paris: Gallimard, 1943).

SARTRE, J-P. *Mallarmé – la lucidité et sa face d'ombre*. Paris: Gallimard, 1986.

SARTRE, J-P. *Saint Genet – ator e mártir*. Trad. Lucy Magalhães. Petrópolis: Vozes, 2002.

SASS, S. As patologias da memória em Canguilhem, Sartre e Hersch. *Revista Limiar*, v. 7, n. 14, 2020. Disponível em: [\(PDF\) As patologias da memória em Canguilhem, Sartre e Hersch \(researchgate.net\)](https://www.researchgate.net/publication/339151107/As_patologias_da_memoria_em_Canguilhem_Sartre_e_Hersch)

STENDHAL, H-M B. *O vermelho e o negro*. Trad. Maria C. F. da Silva. São Paulo: Nova Cultural, 2002.